

precisa afirmar e insistir que não está grávida e, muitas vezes, só desistem do teste quando revela sua orientação. “Na hora, a expressão da pessoa muda. Ou dá um bug na cabeça e a pessoa fica meio perdida ou muda o tratamento, e vem o preconceito e o desrespeito.”

Luhana acredita que embora a discriminação seja um dos maiores problemas, a falta de informação e preparo, mesmo de quem não tem preconceitos, interfere muito no atendimento.

## A falta de conhecimento

Atuando diretamente com a comunidade LGBTQIAPN+ e sendo um defensor do atendimento de qualidade, com respeito e dignidade às pessoas a quem esse tipo de cuidado costuma ser negado, o coloproctologista e professor adjunto de cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília Luiz Lobato reforça e confirma a percepção de Luhana.

Segundo Lobato, o primeiro desafio é que as pessoas entendam o que é a comunidade, pois grande parte da população ficou parada na antiga sigla GLS. “Muitas pessoas não têm ideia do que são todas as outras letras, e grande parte dos médicos não compreende os conceitos simples do que são pessoas cis e trans.”

O médico traça um paralelo mencionando que, em 1902, o tratado de proctologia determinava a homossexualidade como uma doença orgânica, e que há 20 anos, quando fez faculdade de medicina, em nenhum momento de sua formação foi abordado qualquer aspecto relacionado a pessoas trans e não binárias. “E quantos médicos você acha que existem que continuam sem saber nada sobre essas pessoas e suas demandas de saúde? Se essa geração de médicos não foi educada a saber e compreender o que é uma pessoa trans, como vai tratá-la?”, questiona.

Para Lobato, esse ponto inicial, a informação e a educação dos profissionais de saúde, é crucial para que a comunidade passe a receber atendimento básico com o mínimo de respeito. A partir da informação, o médico passa para a obrigação da profissão de oferecer um atendimento livre de preconceitos e de suas convicções e crenças.

Uma estratégia que o médico comenta que pode deixar os profissionais de saúde e pacientes mais confortáveis é demonstrar para o paciente que todos os problemas de saúde têm igual importância e devem ser cuidados sem julgamento, principalmente quando se trata do aparelho reprodutor e da vida sexual.

“O objetivo não é deixar de ver a pessoa como um indivíduo, é importante ter esse

**Luhana percebeu a mudança de tratamento desde que se assumiu lésbica**



cuidado. O paciente não é só uma coisa ou um órgão, mas se ater à demanda de saúde daquele momento, mostrar que não existe julgamento e que todas as queixas são ouvidas com igual importância e naturalidade pode trazer mais acolhimento ao paciente”, acredita.

Indo além, Lobato menciona que as demandas do aparelho reprodutor são infinitamente mais difíceis e complexas para pessoas trans ou não binárias. “Imagine uma mulher trans com 50 anos, com dificuldade para urinar, na fila do SUS esperando para ser atendida pelo urologista, rodeada de homens cis. Um homem trans na fila de espera do ambulatório de ginecologia. Só esse primeiro passo já é extremamente difícil”, considera.

## Especificidades

Outro ponto abordado por Lobato são algumas das demandas específicas enfrentadas pelas pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Pacientes trans que fazem a hormonização, por exemplo, recebem grandes cargas hormonais, o que pode ter influência no desenvolvimentos de alguns tumores. No caso de pessoas que recebem testosterona, as taxas de colesterol tendem a subir bastante, o que exige um cuidado cardiológico.

“Nesse ponto, é fundamental destacar que a pessoa não tem essa questão por ser trans, mas com o tratamento com os hormônios. O mesmo pode acontecer com pessoas cis que precisem fazer reposição hormonal por diversos motivos”, acrescenta Lobato.

Pessoas que fizeram cirurgias afirmativas de gênero, como homens trans que removem os seios, não podem deixar de considerar o câncer de mama, por exemplo, pois o tecido mamário não é todo eliminado. O mesmo cuidado precisa continuar no que diz respeito ao útero. No caso de mulheres trans, é necessário cuidado extra com a próstata.

Para os que praticam sexo anal, independentemente de gênero ou orientação, Lobato acrescenta a importância do rastreio para HPV. “O canal anal tem um tecido muito semelhante ao colo do útero, onde se instala o HPV, um vírus extremamente prevalente e que a pessoa que pratica sexo anal, seja ela XX ou XY, precisa fazer a prevenção da mesma forma que no colo do útero.”

O médico ressalta, sobretudo, a importância do diálogo e da confiança entre médico e paciente, o que só é possível de atingir quando existe acolhimento e abertura por parte do profissional, e que vai deixar o paciente confortável para abrir suas questões mais íntimas que sejam necessárias para o atendimento.